

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

JÉSSICA LORRANE FERNANDES BRANQUINHO

VIDAS TRANS: relatos de transgêneros

**PATOS DE MINAS
2018**

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

JÉSSICA LORRANE FERNANDES BRANQUINHO

VIDAS TRANS: relatos de transgêneros

Resenha apresentada à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Guilherme Bessa Ferreira Pereira.

**PATOS DE MINAS
2018**

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

JÉSSICA LORRANE FERNANDES BRANQUINHO

VIDAS TRANS: relatos de transgêneros

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em ___ de
_____ de 2018.

Orientador: Prof. Me. Guilherme Bessa Ferreira Pereira
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 1: Profa. Me. Gilmar Antoniassi Junior
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Me. Leonardo Carrijo Ferreira
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho a todos os estudiosos da área e pessoas que possam ter interesse sobre o tema apresentado.

AGRADECIMENTOS

À esta faculdade, seu corpo docente, em especial ao meu orientador, direção e administração, que me deram oportunidade de crescimento acadêmico e pessoal.

À minha querida mãe e avó, por toda dedicação e carinho em todos esses anos de vida.

Aos meus amigos, que fizeram a experiência de graduação ser simplesmente memorável.

Todas as vitórias ocultam uma abdicação.
Simone de Beauvoir

VIDAS TRANS: relatos de transgêneros

Moira, A., Nery, J. W., Rocha, M., & Brant, T. (2017). *Vidas Trans: a coragem de Existir*. São Paulo: Astral Cultural.

Por: Jéssica Lorrane Fernandes Branquinho

Guilherme Bessa Ferreira Pereira *

1 CREDENCIAIS DE AUTORIA

Amara Moira é travesti, doutora em Teoria e Crítica Literária pela UNICAMP, com tese sobre as indeterminações de sentido no "Ulysses" de James Joyce, mas seus interesses intelectuais são múltiplos, indo da literatura ibérica medieval (que pôde estudar mais detidamente durante seus intercâmbios em Portugal, no ano de 2008 e na Argentina, em 2009) à poesia contemporânea, passando pela literatura dita erótica, estudos da tradução, feminismo e autobiografias trans. Atualmente, trabalha numa retradução de "*Macbeth*" de *Shakespeare*, buscando recuperar, em português, o aspecto bárbaro desses versos, mas junto, também vai projetando um livro de poemas e de ensaios sobre questões trans. "*Espero um dia dar conta de publicar uma antologia da poesia misógina brasileira*" comentada, para impedir que continuem tratando esses poemas como engraçados ou, pior, eróticos.

João W. Nery nasceu no Rio de Janeiro, em 1950, e viveu até os 27 anos com um corpo anatomicamente feminino. Formou-se em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e especializou-se em Sexologia pelo Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia (IEDE). Foi mestrando em Psicologia da Educação pela Universidade Gama Filho (UGF) e lecionou em três universidades (Gama Filho, Hélio Alonso e Celso Lisboa), além de ter mantido um consultório de psicoterapia, ainda com uma identidade social feminina. Fez a mamoplastia masculinizadora e a pan-histrectomia durante a ditadura militar em 1977, vinte anos antes das cirurgias serem legalizadas. Aos 37 anos, assumiu a paternidade da gravidez de sua mulher e quando seu filho completou 13 anos contou sua própria

*Concluinte do Curso de Graduação em Psicologia da pela Faculdade Patos de Minas (FPM). jesica.93@hotmail.com

** Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente e orientador do DPGPSI/FPM. gbessafp@gmail.com

história a ele, o que os aproximou ainda mais. Hoje, seu filho está com 28 anos, casado e formado em Engenharia Mecânica.

Márcia Rocha possui graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991). Pós-graduanda em Educação Sexual pela Unisal - Centro Universitário Salesiano de São Paulo. A advogada Márcia Rocha (antes Marcos Rocha) recebeu a primeira certidão da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de São Paulo com o nome social. O Conselho Federal da entidade ratificou a decisão, para o presidente da OAB de São Paulo, a entrega do documento é uma conquista dos direitos humanos em período marcado por retrocessos.

T. Brant nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais, ficou nacionalmente conhecido, após exibir sua transição de gênero abertamente em suas redes sociais. Como na época o assunto ainda era um grande tabu na sociedade, ele participou de diversos programas de entretenimento e de debates para falar abertamente sobre o assunto. Em 2017, Tarso auxiliou a escritora Glória Perez na criação de uma personagem trans para a novela “A Força do Querer” da Rede Globo. É modelo e estudante de interpretação direcionada para cinema e tv.

2 APRESENTAÇÃO DA OBRA

Trata-se de uma obra escrita a oito mãos por pessoas trans que narram brevemente suas biografias, construindo um relato íntimo e sensível das vicissitudes que atravessaram durante a experiência de transição. As identidades trans são historicamente silenciadas e marginalizadas, mesmo dentro dos movimentos LGBT's (Prado e Machado, 2010) e de gênero, assim, ao compartilhar essas experiências os autores buscam ao mesmo tempo, lutar contra o silenciamento das histórias de pessoas trans e estabelecer um laço comunitário de proximidade entre as pessoas trans que, como é bem demonstrado no livro em questão, muito comumente enfrentam sentimentos de isolamento, solidão e incompreensão. Esse efeito é reconhecido logo nos prefácios do livro, escritos por Laerte e Jaqueline Gomes de Jesus, ícones na luta das identidades trans pelo acesso aos direitos sociais, políticos e civis.

No primeiro capítulo conhece-se a história de Amara, professora de Letras e Literatura, que ganhou projeção nacional escrevendo um blog sobre as experiências que tinha como travesti e profissional do sexo. Ela conta que desde muito jovem já

se reconhecia a partir de referências femininas e que isso fez com que ela crescesse em um ambiente doméstico marcado pela constante interdição de seus desejos e imposição de uma norma de orientação masculina. Isso desenvolveu nela um grande medo da violência, que lhe seria direcionada caso não cumprisse com a expectativa imposta, com isso, ela conta que passou a ter um comportamento obsessivo de sempre se controlar e camuflar sua real forma de ser, buscando preservar-se da violência que ela se percebia como alvo.

Amara cresce então marcada por uma certa ambiguidade, sobre os próprios desejos e a maneira como se vê, de um lado percebe aos poucos brotar em si uma sensação de desconformidade à normativa sexual e de gênero, ao mesmo tempo em que lida com isso, tenta se adequar exatamente à essas normas. Isso pode ser percebido quando comenta sobre as primeiras paixões, que foram por duas colegas de sala (na época ela entendeu como uma conformação positiva ao esforço de seguir normativa masculina), concomitante a isto, ignorava os sentimentos que também tinha pelo melhor amigo. Ela também diz ter se comportado de maneira LGBTfóbica durante parte da adolescência e, ao escrever o livro reconhece que isso também fazia parte da tentativa de “adequar-se”, mas o fato é que Amara sentia-se cada vez mais próxima da ambiguidade e aos poucos passou a recusar os rótulos, que sentia como lhe sendo impostos.

No decorrer da adolescência Amara passou a compreender-se como bissexual, tinha relações com mulheres, mas também sentia forte atração pelos homens, porém relata que as experiências sexuais com rapazes não eram plenamente satisfatórias, se assemelhando mais a um misto de desejo, violência e humilhação. Relata que tinha preferência pelo sexo sem penetração, mas que se deixava penetrar e penetrava (tanto homens quanto mulheres) por crer que era isso que se esperava num ato sexual.

Ainda durante a adolescência, Amara se facionou pela figura de Roberta Close, uma travesti nacionalmente conhecida como “a mulher mais bonita do Brasil”. Encantava Amara o fato de que ela fosse um homem, pois reconhecia na modelo uma espécie de blindagem contra a violência de gênero, devido ao reconhecimento que tinha por sua beleza – Amara desejaria o mesmo tipo de blindagem e reconhecimento, algo que aparece depois na militância social, na qual ela se engajou. Na mesma época ela passou a ter acesso a Internet, o que foi extremamente marcante para Amara, uma vez que, ela pode conhecer outras

peças trans, se identificar e se relacionar com elas. Esse comportamento foi logo percebido pelos pais e aos 19 anos ela foi interpelada pela mãe se era travesti. Amara conta que a pergunta lhe causou um choque, uma vez que estava envolvida em ser compreendida como homem, respondeu que era bissexual e que não tinha vergonha disso.

A partir daí as relações dela com os pais passaram a se tornar mais tensas: Amara sentia que não devia mais retrair-se diante da família e buscar, com isso, a felicidade. Os pais choravam-se, e parecia que não conseguiam lidar com a verdade de Amara. Foi quando ela passou no vestibular para uma universidade em outra cidade, sentiu que seria o momento de realmente descobrir-se e viver sem as amarras e máscaras que haviam definido à sua maneira de estar no mundo.

Se Amara não recebeu o apoio que precisava da família, ela pode dizer que encontrou isso nos relacionamentos que teve, especialmente nos envolvimento que tinha com mulheres, com travestis e com mulheres trans. Como também estava no processo de descobrir-se e aceitar-se, nem sempre Amara conseguia ser completamente honesta sobre como se sentia nesses relacionamentos, porém sempre buscou agir com carinho e respeito, o que fez com que encontrasse compreensão na maioria dos relacionamentos que teve.

Amara conta que sua trajetória foi intensamente marcada por momentos em que era capaz de viver plenamente a identidade, que sentia como sendo a sua verdadeira, e ocasiões em que se sentia obrigada a cumprir com um repertório de escolhas e comportamentos que assegurassem com que ela fosse percebida como “pessoa adequada”, no caso um homem. A alternância desses períodos parece estar intimamente ligada aos relacionamentos em que ela estava envolvida.

Ela chama essas fases de “expansão e contração”, com tentativas de transição e regresso, no que se refere à própria identidade. Por várias vezes, começou a tomar hormônio e desistiu, aconselhada e alertada quando às reações que poderiam causar ao seu corpo. No momento em que realmente iniciou a ingestão de hormônios, enfrentou uma grande crise corporal e psicológica, causando oscilações emocionais, depressão e medo de não ser aceita pelos amigos e familiares. Ela buscou a ajuda psicológica nestas ocasiões, mas relata que nem sempre os profissionais que encontrava eram capazes de realmente compreender e ajudar no processo que vivia.

Ao falar sobre a transição [sic], lembra que enquanto cursava letras conheceu pessoas militantes LGBT, dentro e fora da Unicamp, o que lhe permitiu ter uma rede de apoio e com isso, esperança. O ambiente universitário, por vezes transgressor e questionador das normas sociais lhe permitia “brincar na fronteira dos gêneros”, além de conhecer pessoas que também militavam e/ou simpatizavam com as questões que Amara vivia. Durante a universidade dois momentos coincidiram para que Amara começasse a se apresentar como do gênero feminino: o fim do namoro que tinha com uma mulher e ter conhecido uma *drag queen*. Conta que no início amigos, professores e até a psicóloga relutaram em lhe tratar por “Amara”, mas depois, passaram a apoiá-la.

Em seguida, novos desafios surgiram. Ela passou a conviver com a violência explícita contra pessoas trans e travestis, que acontece tanto em forma de ofensa deliberada ou desfaçada, ou por meio do assédio. Amara lidava com essas dificuldades intensificando o trabalho de escrita no blog pessoal que mantinha, relatando assim, as nuances da vida de travesti. Seus poemas e textos passaram a ser mais acessados e ela aos poucos ganhou projeção no cenário nacional como uma relevante figura na militância trans. Segundo Amara, a partir da experiência de pessoas trans, a sociedade poderá reformular a organização das relações entre os gêneros, buscando maior equidade e reconhecimento de todas as identidades. Ao final do texto relata que escrever suas narrativas de vivências travestis e militante, passaram a ter o significado de sobreviver. Agora, ela possui uma nova forma de existir, que não é mais pautada pelo genital.

O segundo capítulo é a história de João Nery, famoso escritor e referência nacional na luta pelos direitos de pessoas trans. Ao conhecer a sua história, entra-se em contato com a trajetória de uma pessoa que rompeu barreiras e tabus da sociedade, servindo de exemplo para muitas pessoas que sofriam com a incompreensão. Tal notoriedade é marcada pela publicação da autobiografia, *Viagem Solitária: Memórias de um transexual 30 anos depois*, em que conta todo o pioneirismo de suas ações; o segundo capítulo é a narração sintetizada desta autobiografia.

Assim como Amara, João também começa contando sobre os anos de sua infância, nos quais, desde os seis anos foi conhecido por “maria-homem” – tratamento que lhe acompanhou durante toda a vida jovem. Porém, diferente de Amara, sentia que a família, mesmo com todas as limitações de compreensão que

demonstravam, ainda assim, oferecia apoio e acolhimento, especialmente a irmã, que sempre lhe foi uma companheira.

Também se destaca na trajetória de João, o processo da ditadura e abertura democrática na política nacional. Ele conta que a família sofreu diretamente com a restrição de direitos e necessidade de exílio (o que ajudou no fortalecimento do laço de apoio entre eles), além dele mesmo ter se sentido ameaçado pelo regime, devido às transgressões legais que fez por causa da transição. Desse modo, o relato de João funciona também como um registro do histórico momento de repressão aos direitos civis que o Brasil viveu.

João conta que além de ter passado por *bullying* e transfobia desde muito jovem, sofreu bastante com o aparecimento das características sexuais secundárias, especialmente a menstruação e o crescimento das mamas, de modo que, desde muito jovem desejou a alteração do corpo para adequar-se à maneira como se sentia. Relata que essa foi a fase mais difícil de sua vida. Entre os 16 e 18 anos realizou dois procedimentos de redução mamaria. Um médico de sua família foi quem realizou as cirurgias, porém a retirada total das mamas era ilegal, sendo possível apenas fazer a redução. Ficando internado em enfermaria feminina, sofria constrangimentos, ouvia comentários e risos disfarçados que lhe causavam horror, padecia diante do preconceito. Os traços femininos lhe causavam sofrimentos e incomodavam, de modo que ficou feliz com o surgimento da moda unissex.

Durante a juventude João frequentou os guetos LGBT's e era identificado como uma mulher lésbica (apesar de sentir-se lisonjeado pelas vezes em que era interpretado como um homem). Foi nesse contexto que teve suas primeiras relações de flerte e sexo e pôde aproveitar a sensação de ser desejado por uma mulher. Conta que também foi marcante a experiência de comprar o primeiro carro, algo que simbolizava independência e masculinidade para ele, vivendo plenamente essa sensação em uma viagem ao litoral paulista que fez com uma namorada na época: os percalços enfrentados nessa viagem (entre eles problemas técnicos no carro e o risco de ser preso por falsidade ideológica) lhe marcaram como um exemplo de sua capacidade de superação. Essas experiências significavam que seus traços eram cada vez mais masculinos. Isso era muito importante, pois ajudava a superar os sofrimentos vividos na adolescência. João relata que teve relacionamentos amorosos duradouros e que sempre pode encontrar nas companheiras o apoio necessário para a transição.

Em contrapartida, as experiências que teve na vida profissional foram marcadas pela insegurança, pois ele buscava apresentar-se com uma identidade masculina, porém seus documentos eram de uma pessoa do sexo feminino. Trabalhando como taxista tinha medo de ter isso revelado ao mostrar os documentos. Essa ambiguidade ia ao extremo, por exemplo, durante a época em que se dividia entre o emprego de taxista e de professora de psicologia, chegava na universidade dirigindo o taxi, tirava a gravada e a camisa e entrava como professora - para o espanto do cara do estacionamento. Isso perturbava João, que tinha a sensação de viver duas vidas.

Em 1976, aos 26 anos, descobriu que existia uma equipe médica iniciando estudos sobre o transexualismo [sic] e a cirurgia de transgenitalização. João começava, então, a alimentar o desejo de maior readequação corporal à forma como se sentia. Os estudos da época eram sobre a possibilidade do uso da cirurgia de reconstrução genital (usada como intervenção nos processos de pessoas intersex) em indivíduos que são diagnosticadas com o transtorno de identidade de gênero. Ou seja, era necessário um laudo psiquiátrico afirmando o diagnóstico do transtorno, bem como a ausência de sofrimentos psicológicos de outra natureza que poderiam interferir na decisão pela cirurgia. Foi nesse aspecto que João encontrou novas dificuldades, pois lhe foi negado o laudo psiquiátrico, mesmo tendo passado por um longo processo de avaliação psiquiátrica e de psicoterapia (algo que o entristeceu e indignou por muito tempo). Naquela época, o médico que realizasse esse tipo de cirurgia poderia ser acusado de lesões corporais graves, correndo o risco de perder o diploma – mais uma vez João era barrado/constrangido por profissionais da saúde ante o desejo de transformação corporal, inerente ao processo de transição.

Um ano depois, conheceu outro médico que lhe deu o laudo necessário, João finalmente fez a cirurgia. Retiraram toda a mama e fizeram a construção da uretra. Passados trinta dias do procedimento vieram diversas complicações. Seis meses depois, ainda por volta do ano de 1976, conseguiu fazer a retirada dos órgãos reprodutores internos, mesmo sendo uma intervenção considerada criminoso – por causa disso, não pode ficar adequadamente internado, recebendo os cuidados necessários ao pós-cirúrgico em casa, sendo assistido apenas pela namorada. Ele relata que essa foi a cirurgia mais dolorosa, o corte foi vertical para facilitar a construção de um pênis (o que nunca ocorreu). Após as cirurgias, iniciaram-se as injeções de testosterona e, com elas, as mudanças em seu corpo, com o nascimento

dos pelos, o aparecimento de espinhas e a mais importante delas, a mudança da voz, que ele chama de a primeira grande mudança.

O desafio seguinte era conseguir documentos adequados à nova identidade. É fundamental destacar que recentemente a legislação brasileira passou a reconhecer o direito de pessoas trans obterem documentos adequados à esta identidade, antes, era necessário um moroso e caro processo judicial, cuja tradição de jurisprudência era negativa. João sabia disto e resolveu tomar outra via: se vestiu com trajes masculinos, disse que morava na roça e que seu pai não lhe registrara quando pequeno e, agora precisava se alistar. Ele teve sucesso, mas a partir daí começou um novo período de vida, marcado por outras tensões.

O fato é que, na situação em que estava João, temia a acusação de dois crimes: o da cirurgia ilegal (apesar de possuir laudo médico poderia ser acusado por lesão corporal grave, devido às profundas mudanças que fez em seu corpo) e ser portador de dois CPF's, um de mulher e outro de homem. Outra consequência, foi que ele não poderia mais usar o diploma de graduação, tendo que restringir suas atividades de trabalho à outras profissões como: taxista, pedreiro, pintor de parede, cortador de confecção, etc.

Após as experiências que teve nos processos de transição de gênero, João conta que passou a se sentir inseguro ante os mecanismos de saúde. Por volta do ano de 2010, teve que viver novamente a experiência de enfrentar a internação hospitalar, decorrente de um infarto. Naquele ambiente, novamente teve medo de ter seu corpo exposto e sofrer humilhações e sanções. Porém, diferentemente do que imaginava foi acolhido e bem tratado. Para ele isso significou uma experiência de humildade e ressignificação do que sentia sobre os profissionais de saúde.

Concomitante a isto, recebeu a notícia de que tinha sido convidado para dar uma entrevista no programa "De frente com Gabi", a respeito do lançamento do livro Viagem Solitária. Tal entrevista se tornaria histórica para os LGBT's e ele firmou-se como figura importante, especialmente na comunidade de pessoas trans. João narra este momento como atravessado por sensações de medo e de choque que se misturavam, porque ele ainda não tinha seu nome social, pois isso era proibido pela justiça, assim, tinha medo de ser preso ao se expor. Porém, se sentiu confiante com a abordagem respeitosa e simpática que recebeu da entrevistadora, que se mostrou envolvida com a entrevista e bastante interessada pelo assunto, chegando a se identificar com o trauma vivido na adolescência, com a chegada da menstruação.

A partir daí as vivências como militante social se intensificaram. João participou de congressos, palestras e diferentes trabalhos com pessoas e grupos LGBT's e pode vivenciar o drama das pessoas trans. Dentre as ações que promoveu, está a organização de uma lista de profissionais de saúde mental para atender pessoas trans – ele tinha consciência do sofrimento psicológico pelo qual elas passavam. Assim, criou-se o grupo “Mães pela Diversidade”, no *facebook*, destinado a acolher e apoiar pessoas trans e suas famílias, movimento que se espalhou por todo o Brasil. João encaminhava as mães para o grupo e recebia os filhos para atendimento. O grupo oferece assistência direta e palestras em escolas.

A importância de João na militância pode ser ratificada com o Projeto de Lei nº 5002/13, resultado da parceria e ação conjunta com um deputado federal que atua na defesa de causas das minorias. Esta lei, promulgada em 2013, quase 40 anos depois do processo de transição de João, salienta a determinação e o “a frente do tempo” foram as ações e escolhas dele, que implicaram na mudança da legislação, com o objetivo de estender um direito às pessoas que são historicamente marginalizadas nos processos de cidadania.

É contra essa marginalidade e exclusão da cidadania, impostas às pessoas trans, que João luta – ele reconhece como fundamental a aprovação da lei, mas ainda aponta para a necessidade de uma legislação específica que coíba e puna a discriminação de gênero; a ampliação da rede hospitalar do país que atenda à transição; o questionamento do protocolo do SUS que impõe testes, psicoterapias e questionários sexistas aos trans; a criação de um programa alternativo para futuras reproduções antes das cirurgias de esterilização. Ele permanece escrevendo e atuando, implicado nos movimentos reivindicatórios para que a sociedade se torne cada vez mais democrática e aberta a diversidade de identidades, característica da nossa cultura.

O terceiro capítulo relata a história de Márcia Rocha, nele a autora usa o recurso de se descrever em terceira pessoa, no masculino, quando conta a sua fase da vida antes de se tornar Márcia Rocha, e depois em primeira pessoa, no feminino, quando passou a apresentar-se como a mesma.

Igualmente aos dois primeiros relatos, ela também se refere a uma infância marcada pela curiosidade e pela atração ao universo feminino (não só ao se referir a roupas, a brinquedos, mas também a um jeito de ser feminina, marcado pelo modo de falar, andar e gesticular). Quando adolescente, diz ter experimentado sensações

de confusão e ambiguidade, pois se mostrava como um adolescente viril e namorador, atleta que fazia sucesso com as garotas, mas que na intimidade do quarto gostava de usava vestidos e de se maquiar – prática sempre acompanhada do sentimento de estar fazendo algo proibido. Para Márcia, a posição social da família e o clima político da época intensificavam a sensação de transgressão que sentia ao se montar.

Ainda adolescente, ela decidiu tomar hormônios com o objetivo de dar traços femininos ao corpo. O pai, quando percebeu as alterações, levou Márcia a um médico. Na consulta ela acabou revelando as intenções de alteração do corpo e foi prontamente coibida pelo profissional que informou que a ingestão de hormônios poderia levar à esterilidade, isso a terrificou, pois tinha o sonho de ser pai. A partir dessa interdição ela conta que decidiu que seria Marcos Cesar na frente dos conhecidos, mas longe dos olhares continuaria buscando se encontrar e expressar seu eu interior.

Márcia conta que a atração pelas mulheres esteve presente na adolescência e na fase adulta. Das namoradas, não escondia o desejo de se travestir, que era considerado um fetiche ou uma brincadeira. Ela também tinha encontros com homens e por isso se considerava bissexual, porém relata que os homens pouco a atraíam, o que lhe interessava nesses encontros era o fato de que neles podia realizar o desejo de ser mulher. Márcia continuou vivendo como homem heterossexual, teve relacionamentos com mulheres e em 1994 nasceu sua filha – ela narra este evento como a realização de um grande sonho e a possibilidade de começar uma nova vida. Porém, isso implicava, para ela, em necessidade de ocultar a vontade de travestir-se, de se fazer mulher. Márcia vivia com culpa e com medo de ser descoberta, ao mesmo tempo em que se sentia frustrada nos relacionamentos, como se faltasse algo, como se fosse tudo uma farsa: se relacionar com mulheres e gostar de se vestir como mulher, isso lhe parecia uma incongruência que ela não era capaz de entender.

Quando conheceu o *Brazilian Crossdressers Club (BCC)*, encontrou pessoas heterossexuais – inclusive homens casados com mulheres – que sentiam prazer em se montar como trans. Em 2006, se associou ao clube. Nessa mesma época, conheceu um psicólogo que a ajudou bastante, lhe explicando a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero. Uma coisa se relacionava ao desejo

(hetero, homo ou bissexual) e a outra se pautava em como ela se identificava dentro de um espectro que vai desde o feminino ao masculino.

Tais explicações a levaram a perceber o quanto ainda precisava compreender sobre si mesma e a fez refletir sobre a falta de informações disponíveis sobre isso, ampliando a sensação de confusão, solidão, insegurança e sofrimento em pessoas que passavam por experiências parecidas com as dela. Entender sobre essas questões se tornou fundamental para Márcia que começou a pesquisar sobre sexualidade e a questionar sobre a própria vida – até que ponto ela estava vivendo sua verdade particular. Então decidiu que estava na hora de iniciar a mudança.

O primeiro passo foi fazer um depósito em um banco de esperma para garantir que no futuro pudesse ter mais filhos. Depois disso, iniciou um sério processo de hormonização que deixava seu corpo cada vez mais feminino. Realizou procedimentos cirúrgicos para conseguir formas mais femininas, porém destaca que nunca teve a intenção de fazer uma operação de transgenitalização. Queria se sentir travesti. Aquele era o modelo de figura que queria ser. Ao ver seu corpo no espelho sentia que era um sonho que tinha sido realizado.

A reação da sociedade foi de escandalização, porém ela sentia que estava feliz e segura de si, de modo que aos poucos começou a se notar aceita pelas pessoas que a amavam. A reação da filha foi a que mais lhe abalou, pois inicialmente ela se mostrou assustada com a escolha do pai. Márcia conta que ficou bastante abalada, mas se manteve firme em sua decisão.

Dentro da OAB-SP, teve o apoio de muitos colegas de profissão ao fazer o pedido para que seu nome social fosse adotado juntamente ao registro profissional e nos quadros da instituição. Em 2016, seu pedido foi aceito sendo noticiado nos principais veículos de comunicação do país. Esse acontecimento representou mais uma conquista dos direitos de minorais.

Outro aspecto importante, que foi tocado pela transição de Márcia, se refere ao campo afetivo. Uma vez vivendo como mulher trans, ela tentou priorizar os relacionamentos que tinha com homens, porém logo percebeu que a atração que sentia era pelas mulheres. Isso pareceu ser um novo impasse, já que ela supôs que sua nova expressão de gênero não atrairia mulheres, julgou, então, que levaria a vida sozinha. Entretanto, na participação na militância pela diversidade conheceu uma advogada, também militante, e com ela pode finalmente sentir a intimidade, proximidade e companheirismo que esperava encontrar.

A militância de Márcia teve como marco o ano de 2011. Após a adoção da identidade trans ela foi convidada para palestrar no I Encontro Estadual dos Direitos da Diversidade Sexual da OAB- SP. A autora é graduada em Direito. Esse convite foi marcante e significou um momento de autorreflexão, e também de análise dos olhares e reações das outras pessoas. Foi também a oportunidade de perceber o quanto estava disposta para engajar-se de uma vez no combate ao preconceito contra as diversidades. Após esse evento, foi ela convidada a integrar a Comissão da Diversidade Sexual da OAB-SP, o objetivo dessa é discutir a diversidade sexual, defender direitos para minorias sexuais e de gênero. A partir desta participação, Márcia intensificou as ações como ativista e ajudou a ampliar essas discussões, especialmente dentro do contexto da OAB.

Por volta de 2013, a partir de sua atuação militante, conheceu Laerte Coutinho, Letícia Lanz e Maitê Schneider, fundando a Associação Brasileira de Transgêneros (ABRAT), cujas finalidades giram em torno de colaborar com a academia nos estudos das questões sobre pessoas trans, conscientizar a sociedade sobre os temas referentes a transgêneros e ajudar pessoas trans a se inserirem no mercado de trabalho. Márcia também está envolvida com o projeto Transempregos, idealizado com João Nery. Ela conta com orgulho sobre o sucesso desse projeto, que conseguiu inserir muitos candidatos trans no mercado de trabalho através da conscientização de empresas e distribuição de currículos.

Desde 2013, escreve uma coluna no site “Pau pra Qualquer Obra”, falando de diversos assuntos ligados universo transgênero. No final deste mesmo ano foi convidada para participar da *World Association for Sexual Health (WAS)* compondo o Comitê de Direitos Sexuais dessa organização.

No final de seu texto ela fala sobre as responsabilidades e consequências de seu processo de mudança, reflete sobre o privilégio de ter tido estrutura financeira e social que lhe ajudaram a enfrentar as tensões e situações adversas que viveu desde sua transição como mulher trans – reconhece que a maior parte das pessoas que passa por isto não pode contar com essa estrutura, o que a motiva a continuar ativa na militância.

O quarto capítulo traz a história de T. Brant. Criado como uma filha muito desejada pelos pais, ao nascer era a princesa da casa, porém descreve sua essência como a de um menino. Sentia como se estivesse em um corpo que não era seu, queria ser livre daquele corpo. Os pais forçavam-no a uma criação lógica de

gênero feminina, ele, porém, sempre resistiu a isso. Relata que o ambiente familiar era marcado por tensões relativas à criação dele, bem como brigas entre os pais. Eles acabaram se divorciando, fato marcante na biografia de T. Brant, uma vez, que foi obrigado a mudar de cidade e viveu todo um processo de readaptação.

Morando com a mãe no interior de Minas Gerais ele relata que sofreu com isolamento social na nova escola, bem como com o abuso de bebidas alcoólicas por parte da mãe, mas fora isso tinha, com ela, um bom relacionamento.

Retornando para sua cidade de origem, viveu outro momento conturbado ao se mudar com sua mãe para casa de parentes, um lugar onde haviam muitas brigas e violência física, sendo até mesmo ele agredido por seu tio. Não se sentia acolhido na casa e muito menos na nova escola, sendo taxado de “a pessoa estranha da sala” [sic], apesar de ser bem-humorado e descontraído (ele era sempre muito questionado devido à sua aparência – mantinha os cabelos longos e amarrados, usava shorts, camiseta larga e tênis, enfim, pouco “feminino”). Conta que não existia nada que chamasse sua atenção e carregava muitos conflitos internos relacionados à identidade, à falta de um lar e de uma família acolhedora. Como refúgio se dedicou ao basquete, no qual finalmente pode começar a criar uma rede de contatos. Além do basquete, o acesso à internet também foi importante para que ele desenvolvesse relacionamentos.

Em suas experiências amorosas, durante a infância se apaixonou por uma colega de sala, dava-lhe presentes e elogiava, ao mesmo tempo em que procurava ser aceita, fazendo amizade tanto com os meninos quanto com as meninas. Mas gostava mesmo era de estar ao lado delas. Na adolescência, se afeiçoou por irmãs gêmeas, que faziam parte do seu time de basquete, chegando a criar um perfil falso nas redes sociais para conseguir se aproximar delas e mostrar tudo o que sabia sobre as mulheres. Não durou muito tempo para elas desconfiarem que o perfil era dele. Também o utilizou para se aproximar de outra menina, que o conhecia pessoalmente, mas sequer imagina que eram a mesma pessoa. Se falavam todos os dias e começaram um namoro virtual. Porém, após alguns meses não se sentia confortável com a situação e resolveu se despedir da menina e se desligar do perfil. Seu primeiro namoro real com uma menina foi severamente vetado pela mãe da jovem, que lhe dirigiu inúmeras ofensas e desacatos. Sua segunda namorada foi morar com ele, mas o deixou, fazendo-o se sentir rejeitado mais uma vez.

Ao falar sobre a criação do perfil nas redes sociais, conta que era o lugar em que se socializava com as pessoas e tinha a liberdade de se expressar e compartilhar seus sentimentos, por isso era difícil se desligar dele. Sentia vontade de verbalizar seus desejos, mas não o fazia, pois temia que as pessoas não o compreendessem. Conta que era tímido, tinha muito medo de se aproximar das pessoas e ser rejeitado. Esses sentimentos justificam a criação do mesmo.

No esforço de ser aceito passou a conviver e a sair à noite com suas primas, vestia as roupas delas e se maquiava, tentando ser feminina, mas não se sentia confortável. Nas boates, gostava dos olhares dos rapazes, mas não acreditava que significavam desejo. Ao ser questionado se gostava de meninos ou meninas, preferiu se mostrar ofendido com a pergunta do que ter de responder e correr o risco de ser rejeitado, assim, fugia de todas as coisas que pudessem defini-lo.

Ainda na adolescência, foi residir em outra casa juntamente com a mãe, porém, dessa vez o pai foi morar com eles, tornado sua vida novamente conturbada, devido às constantes brigas do casal. Depois de uma dessas brigas, acabou sendo agredido pelo pai. Esse fato o levou a refletir sobre tudo o que vivia e a dar o primeiro passo na procura do seu “eu”, iniciando assim, a transição.

Ao falar sobre a transição, conta que o primeiro passo foi cortar os longos cabelos. Isso o deixou com traços mais masculinos. Por volta dos 20 anos, conheceu o grupo Feminino Trans Masculino (FTM) e passou a acompanhá-lo pelas redes sociais, o que lhe despertou ainda mais a vontade de transformar seu corpo. Assim, com a ajuda de um amigo *personal trainer* começou o processo de hormonização, sem acompanhamento médico. Apesar de se sentir incomodado com os efeitos colaterais (irritação, inchaço, mudança na voz, crescimentos dos pelos na face), ficou feliz ao perceber que no quinto mês já era possível ver as mudanças físicas, seu corpo estava mais forte e viril. Aos 22 anos, fez a cirurgia de retirada das mamas. O próximo passo será mudar o nome no RG.

A reação das pessoas veio logo no início da transição, seus pais e alguns amigos reprovaram, fazendo comentários desagradáveis, outros elogiaram e apoiaram, o que o deixava confuso. Aos poucos tornou-se popular e as pessoas se aproximavam por curiosidade, querendo saber quem ele era. Mas, apesar de ter iniciado a transição não havia escolhido seu gênero. Ao ter fotos postadas na

internet sentia que a própria comunidade trans orientava que a escolha era necessária.

Com a exposição na mídia, virou assunto de muitas reportagens, ficando bastante conhecido entre os adolescentes e vindo a participar do Programa “Pânico na TV”, sendo uma oportunidade para derrubar preconceitos. Porém, relata que sua imagem foi manipulada, uma vez que foi considerado do gênero masculino, dando origem a um produto comercial, apesar dele próprio não haver se definido. O resultado positivo de toda essa movimentação foi ter despertado nele o interesse artístico, se tornando modelo e ator.

No final do texto, relata que apesar das muitas críticas, que sempre recebeu, conseguiu se fortalecer e encontrar motivos para seguir em frente, não se deixando abalar. Após iniciar a transição, encontrou nos pais o apoio necessário para vencer os preconceitos e suas próprias inquietações internas. A respeito de sua espiritualidade, relata que começou a frequentar um Centro Espírita Kardecista, no qual encontrou respostas sobre si mesmo. Sobre sua sexualidade, comenta que passou a buscar relacionamentos verdadeiros, com amor envolvido, porém no momento não pensa em relacionamentos, está preferindo se conhecer.

3 APRECIÇÃO DA OBRA

O livro é uma obra que desperta amplo interesse ao trazer quatro autobiografias de pessoas trans. O principal plote do trabalho parte do pressuposto de que, para romper com o isolamento e o silenciamento, que essas identidades sofrem, é necessário que as pessoas trans tenham espaço e oportunidade para se expressarem e existirem em nossa sociedade, o que tem íntima relação com as mobilizações sociais identitárias surgidas em meados do século passado e até hoje presentes nos modos de articulação, debate e disputa nos espaços político-democráticos (Prado e Machado, 2008). No cerne da ideia, está é a compreensão de que ao forçarem a superação das barreiras em torno da visibilidade das identidades trans, também contribuíram para formar uma comunidade de pessoas que partilham experiências e conhecimentos e podem, dessa forma, mutuamente apoiarem-se. Isso fica claro desde os prefácios, que valorizam o fato do livro oportunizar o conhecimento da trajetória de vida de pessoas trans, permitindo que

outras possam se identificar, encontrar apoio e motivação para seguirem em suas trajetórias de descoberta/construção da própria identidade.

Como efeito da leitura percebem-se vários pontos em que as quatro narrativas se aproximam, fazendo crer que determinadas experiências são marcadoras na vida de pessoas trans, especialmente aquelas relacionadas à necessidade de superação de preconceitos, de falta de informações e de violências difusas: na maioria das vezes, relacionadas à padronização de gênero. Muitos autores demarcam essa violência contra pessoas trans, nominando-as de “transfobia” (Jesus, 2013) e de fato no livro em questão, apesar da palavra ser pouco usada, narram-se situações tranfóbicas.

Percebe-se de fato que existem muitos pontos em comum nas histórias narradas, interligados pela lógica heteronormativa (Méllo, 2012) que faz com que essas histórias – que aconteceram em diferentes épocas – pareçam-se tanto. Dentre os principais aspectos estão: a resistência familiar em apoiar/compreender as vicissitudes de pessoas trans; a incompreensão sobre os próprios desejos e sentimentos, que levam à uma sensação de isolamento social e afetivo; as cobranças a respeito da adequação à lógica de gênero, devido ao sexo biológico; a busca por pares e parceiros que ajudassem, orientassem e compreendessem tanto os sentimentos gerais sobre si mesmo quanto aos referentes à identidade de gênero. Em comum, também aparecem nos relatos, a emoção de conformidade sentida nas primeiras investidas do processo de transição; a satisfação de ser reconhecido conforme o gênero que se reconhece; a importância de encontrar pessoas que apoiassem e compreendessem o processo em questão; a sensação de adequação a si mesmo, que é construída a partir da formação da identidade que buscam para si.

Entretanto, precisa-se considerar que os itens apontados acima, numa perspectiva interseccional, não soem como uma generalização inadequada, a partir de apenas um demarcador identitário. As histórias contadas no livro são de pessoas brancas, de classe média e com formação superior (apesar de João Nery ter perdido o primeiro diploma). Esses aspectos são extremamente relevantes ao se fazer a análise sobre a trajetória de um sujeito, especialmente em uma sociedade desigual (no sentido amplo da coisa) como a brasileira. Não se pode deixar de considerar isso ao se inteirar dos relatos do livro, considerando que se tratam da história de pessoas que sofreram marginalização, opressão e preconceito, mas que, a partir de

uma leitura interseccional (Silveira e Nardi, 2014), ainda desfrutaram de privilégios. Assim, é importante considerar que demarcadores sociais como raça/etnia, origem geográfica, manifestação religiosa e classe social também “inspiram” reações de preconceito e ódio, uma vez combinados com a agressão transfóbica, ampliaria a vulnerabilidade das pessoas às violências. Isso, obviamente, não macula o valor da obra em questão, apenas demarca que ela é uma dentre tantas que precisam ser conhecidas sobre a complexa temática em questão.

A estética da obra também merece um comentário. Por se tratar de um livro escrito a oito mãos, no decorrer da obra pode-se apreciar as diferenças nas qualidades narrativas dos autores, o que traz dinamismo para a leitura. Percebe-se a habilidade de Amara que construiu uma narrativa sem obedecer à cronologia e fez com que ao final do texto se tivesse uma compreensão panorâmica da história, além de causar um certo efeito de ambivalência, sentimento que também marca a narrativa, trazendo com isso uma proximidade afetiva a elas. João se mostra um escritor confortável no ofício, capaz de narrar com leveza e humor fatos trágicos, e ele tem muitos para contar. Assim, a habilidade do escritor acaba sendo notável, pois é capaz de sintetizar a história sem prejudicar a descrição dos afetos que a envolveu. Márcia usa o interessante recurso de narrar em terceira pessoa sua existência anterior à transição e em primeira pessoa os fatos que ocorreram a partir da mesma. Longe de causar estranhamento, o recurso tem o efeito de demonstrar o quanto a narradora se sentia deslocada enquanto vivia uma vida que lhe parecia alheia, e o quanto, por sua vez, a decisão de viver como Márcia possibilitou a ela a plenitude da felicidade. Por fim, T. Brant faz um texto que se desdobra também em uma cronologia recortada, marcada por cenas da vida adolescente. De particular, T. Brant apresenta quadros recortando o texto que visam refletir a passagem narrada, algo interessante, mas que torna a leitura menos dinâmica.

O livro é uma obra que contribuiu para a reflexão sobre as identidades trans e sobre as lógicas de exclusão que acontecem em nossa sociedade e cultura. É um bom material para quem gostaria de começar a conhecer o tema, além de ser um importante documento por se tratar da biografia de pessoas que se tornaram ilustres por seus feitos relativos à superação das marginalizações existentes contra pessoas trans.

4 INDICAÇÃO DA OBRA

Esta obra é indicada para todos os que tem se interessem pelo tema da transsexualidade, possibilitando ao leitor um contato com uma realidade que precisa ser entendida para além de seus rótulos, mitos e preconceitos.

REFERÊNCIAS

Jesus, J. G. (2013). Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. *História Agora*, 16(2), 101-123. Recuperado em 01 de outubro, 2018, de https://www.researchgate.net/publication/281321251_Transfobia_e_crimes_de_odio_Assassinatos_de_pessoas_transgenero_como_genocidio

Méllo, R. P. (2012). Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. *Psicologia & Sociedade*; 24(1), 197-207. Recuperado em 01 de outubro, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/22.pdf>

Prado, M. A. M. & Machado, F. V. (2008). *Preconceito contra homossexualidades: hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez.

Silveira, R. S., & Nardi, H. C. (2014). Interseccionalidade gênero, raça e etnia e a lei Maria da Penha. *Psicologia & Sociedade*, 26(n spe), 14–24. Recuperado em 01 de outubro, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26nspe/03.pdf>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autor Orientando:

Jéssica Lorrane Fernandes Branquinho

Iracema Maciel de Castro n 50 Bairro: Residencial Barreiro

Telefone de contato (34) 996896300

Email jesica.93@hotmail.com

Autor Orientador:

Nome completo Guilherme Bessa Ferreira Pereira

Endereço Av Juscelino Kubitscheck de Oliveira Bairro: Cidade Nova

Telefone de contato (34) 992724704

Email gbessafp@gmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

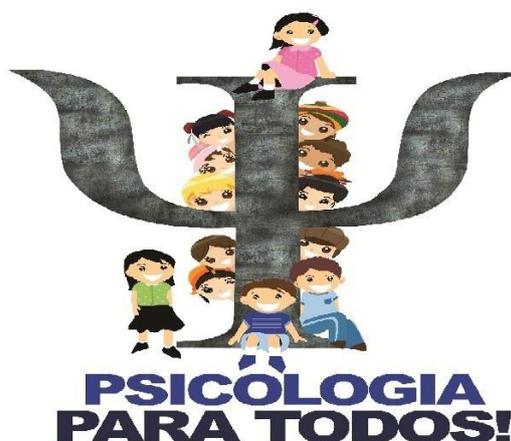
Patos de Minas, XX de XX de XXXX

Jéssica Lorrane Fernandes Branquinho

Guilherme Bessa Ferreira Pereira



FACULDADE PATOS DE MINAS



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

Curso de Graduação em Psicologia

Bacharelado (Formação de Psicólogo)

Portaria de Reconhecido MEC – DOU N°. 371 de 30 de Agosto de 2011.

“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)

Rua Major Gote, 1901 – Centro – Campus Shopping/ 2º andar – Patos de Minas – MG – CEP 38700-001. Contatos: Tel. (34)3818-2350. www.faculdadepatosdeminas.com / cursopsicologia.fpm@hotmail.com / secretariadpgpsi.fpm@hotmail.com.